

REVISTA
ESTUDOS
TRANSVIADES

2023
V. 4
N. 9



Pyxuá

ISSN 2764-8133

p. 148



Pyxuá é cria da Vila, professor, historiador, multi-artista cerratense originária em diáspora tupi, pessoa com deficiência TEA e não binário que flui entre a terra e a mulheridade originária periférica, das lavadeiras e de muitas mais "Marias Machos". É aliendígena raiz, produtora cultural que compõem o coletivo dissidente em sexualidade e gênero com enfoque em arte-educação a partir das identidades dessa terra O Olho da Serpente, slammer, stylist e artesão desenvolvendo trabalhos na moda a partir da Menino Feminino criada pela multi-artista e seus irmãos, já levantando sua perspectiva familiar sobre gênero há muitos anos e a Mama Cadela trabalho na moda com enfoque na perspectiva UPCYCLING realizado com sua companheira Sé da Rua. Pesquisadore das diásporas de Abya Yala, da gestão ambiental e da moda, questionador dos questionadores de vivencias, contador de histórias e cantador de canções desde o coco pelo qual se apaixonou familiarmente ao hip hop vivenciado nas ruas. Pyxuá também desenvolve trabalhos audiovisuais e planta enquanto membro da Casa Pina Cadela a cultura de baile em Goiás, vivência cotidianamente o rasgo de sua existência pela colônia, defende com unhas e dentes a caminhança de suas avós e denuncia em suas rimas a invasão e instalação da colônia em nossos cotidianos.

Pyxuá

ISSN 2764-8133

p. 149

NÃO RESPEITA NEM A TERRA
VAI RESPEITAR O MEU PRONOME?
Por PYXUÁ

1.

tempo sempre me atravessa e eu percebo que
ali estou de novo agora. Meu espírito já não
consegue carregar os trilhos nem os pavios
das bombas de outros então se eu decidir fluir,
não chora. A cidade é dor e desespero, mas as
veiz pra não surtar memo a gente ignora ...

arrancam as árvores, nos tornam “segredos” e
nos acusam do medo do agora

querem me resumir a violência e me culpar
pela ferida histórica

O tempo é gira então meu corpo também
balança e vivo comemora

Cada vida originária e não binária que tá viva
agora!

Saravá! caminhos
abertos, a nossa
ancestral
história!

2.
A vulgaridade que muitos enxerga no que tá a mostra
é criada quando a roupa vira obrigatória
ou o corpo tem exigência de forma
“Todos pardos nus, com suas vergonhas a mostra”

Disse o escrivão do rei,
A fetichização do meu corpo desde criança
eu vivenciei

E sempre que a gente gira a gira
E reocupa esse território que é o corpo
vão agir como escrivão ou rei

Suas regras de comportamento não salvam inúmeras pessoas de ser estupradas todos os dias, não salvam nossas crianças que nem sequer tem essa noção de sexualidade -que *inclusive existem várias*- seu estereótipo e sua putofobia que afasta as putas e a rua até mesmo das identidades de gênero paridas nela, não alimentam milhares de filhos de putas que existem no Brasil, sua regra de movimento social/racial que vê a vida alheia de longe e inventa regras de com quem se relacionar como se sua realidade fosse a única, não sustenta inúmeros corpos que todos os dias tem que se prostituir independente das regras coloniais que invisibilizam a ferida e apontam como o certo a limpeza de movimentos políticos.

Quanto mais vocês apontam nossos corpos mais vários corpos em vários contextos vivenciam abusos. Num mundo branco e preto, como ficam corpos transfronteiriços, corpos aterrados?

Sempre que as pessoas tentaram abusar do meu corpo e eu tentei comunicar isso/denunciar, logo após buscaram diminuir tudo que sou inclusive minhas identidades eis aqui a invasão, a procura sempre do “bom selvagem” ou em busca da comprovação de que não somos nós, então se necessário sou uma “mulher” sou “branca” na língua afiada do etnocídio transfóbico e daí a tentativa de abuso não importa né ? Se uma pessoa trans consegue replantar seu cotidiano, o ódio de muitos transborda né?

Usam até apagamento étnico um bagulho histórico pra nos culpabilizar pela violência que corpos não binários sofrem, na tentativa de fingir não serem racistas o que é uma “estratégia perfeita” dos moral e socialmente aceitos em algum grupo social, afinal, quem é que gosta de corpos Trans que estão a margem até mesmo da aceitação da própria comunidade Trans?

Muitos seguem bebendo das armadilhas coloniais pra negar quem somos, usando nossa pobreza e abusos sofridos para apagar nossas identidades incluindo a de gênero.

Quanto mais vocês esperam discursos “apenas de mulher ou de homem” de pessoas não binárias ou discursos que plenamente concordam com noções “femininas ou masculinas” de corpos dessa terra, sobre essas fitas de maneira geral

Vocês também estão abusando

Quanto mais vocês negam nossa existência

Vocês seguem alimentando o discurso de escrivão do rei

Quantos corpos aqui tem uma vivência limpa? Na sociedade colonizada quem sabe se comportar? Quantos aqui somos autistas e neurodiversos de inúmeras formas e nem sequer entendemos certos padrões e estéticas que “deveríamos ter” para sermos “suficientemente trans” ou originários? A quantos de nós a voz é negada, quando além de já existir a violência cis elegem “ícones trans inquestionáveis” em espaços de todos nós sem escutarmos corpos PCD e outros marginalizados?

Quantos de nós acessa padrões estéticos impostos pelos grandes centros urbanos?

E mais simples ainda,
Como sobreviver no calor desse jeito que muitos querem?

A monocultura seca o solo e resseca a pele

Vão te apontar o dedo
Te mandar memo pro sanatório

tem que se comportar
Fechar as perna, não pode mostrar

Que existimos pra além da lei, que existimos feras

Existimos sementes muito além da guerra

O meu corpo é território autônomo
O meu corre é sagrado

E eu respeito geral que tá no corre pra sobreviver
independente de como.

523 anos de invasão

BAGULHO É NÃO
ATRASAR OZOTRO

3.

A cisgenereidade

Não quer ser explanada

Mas quer continuar imitando a nossa arte

Que nunca é paga!!!!

E ainda dizem:
- “Eu não caibo nessa caixa”

Famoso truque de baralho!

Enquanto isso quem bota a cara tá morrendo sem
espera

e o problema é só o Bolsonaro?

Na esfera

Dos CIS

O mesmo binarismo

Monocultura

Nasce da sua costela e morre no seu cinismo

Eu sei o que você está fazendo...

Mas toma cuidado que soro pra mim é igual veneno

Meu corpo

é uma intervenção cirúrgica
original

Buceta sem gênero antifúngica!

Nascer e correr igual rio do cerrado que deságua doce

Descansar nas margens todas nossas dores

Vocês não são nossos senhores!!!

Atmosfera é rio celeste

Sou cobra rasteira mas eu sinto

Muito mais que seu mau de agoro

e sua necessidade ridícula de saber quem tem pinto

As vezes transmuto e pouco mudo admito

Só que ver o mundo daqui é muito mais bonito

Admitir o movimento do atrito

Se sentir vivo

Transcendente, gigante!

Como o primeiro corpo dissidente aqui a ser morto
por seu comportamento “desviante”

Memória de elefante,
não me esqueço das raízes dessa terra

Quando fecho os olhos vejo os que vieram antes e cultivaram nela

Quer falar de racismo e de desigualdade
Ignorando as travesti que tão morrendo na cidade ?!

E quantas famílias dos centros as ilhas
Não aceitam filhos e filhas?

E quanto tempo a parada
Foi mesmo cardíaca

Quando pros boyceta não deram tempo de fala?
Debaixo da língua navalha

Tô pronta pra briga
Pronto briga

Muitos ainda me chamam de “aliendígena”

Mas de fora memo é essas ideia de colônia

De gênero nacicista

MONOCULTURA É
PROJETO DE MORTE

POESIA ESCRITA EM 2021

Se liga!

4.

Corpo
BI

E nunca binário

Corpo
BI

Que flui mas não passa

Corpo
BI

Que se interessa por sorriso de gente massa

Corpo
BI

E não monocultural

Corpo
BI

Não monogâmico, contra colônia e ancestral!

Corpo parido por raizes milenares
Por zé marias e marias milhares

Não surgimos do nada
E seu olhar de coerção até um pouco me mata

Mas não faz meu plantio acabar

Eu sou quem eu sou, esse corpo mundo é o meu lugar

Nem mais nem menos independente do parceiro

Nem mais nem menos independente do parceiro
Parceira, parceire, parça ou companheiro
E pra melhorar pode ser plural
Singular é a experiência de cada corpo ou corpa bi
Que nos orgulhemos de nossa história

e

CELEBREMOS A
DIVERSIDADE DE
FORMAS DE AMOR DA
NOSSA FLORA QUE
SÓ AFLORA

(POESIA ESCRITA EM 2021)

ISSN 2764-8133

p. 159

5.

Raiz é galho, rio que nasce e corre

Minha identidade na minha terra
está sempre em metamorfose

E é também por isso que escrevo hoje sobre a
invisibilização de identidades

Ou seja vivências memo que não cabem num lado
apenas da história,

Nem estão aqui pra reinventar masculinidade nem
feminilidade

Vivências que de fato não colocam
essas fita como algo central em como existe

Eu boto muita fé que existências
são que nem gota de chuva,

Sente tantos quando a gente
se permite tomar um banho né?

POESIA ESCRITA EM 2021

ISSN 2764-8133

p. 160

6.

Quando eu comia semente de abóbora
 O cimento já rachava e tinha até cana
 Talvez eu detalhe demais e de muita significância
 Identidade pobre: Tarde demais
 Dizem que a fome existe
 por que seu ancestral sofreu vários bagulhos
 Mas só de uns, de outros tratam como irreais
 Desigual, desiguais
 Nunca te vi no corre da rua nem nos sinais

Me ensinaram memo assim a ser diferente
 Mais calmo se pá
 mas sempre estranha pá mta gente.
 Não me ensinaram a ter arma
 mas a pexera tá sempre afiada,
 ce me entende?

Zé povim não arruma nada
 Palavra é flecha, se mal lançada deixa oce doente
 É que exu matou o pássaro com a pedra
 E o hoje sempre tem uma história,
 ce me entende?
 Fala sério, eu vi arrancarem as árvore e a autoestima de
 ser a gente,
 imagina isso secularmente?

SE CU LAR M E N T E

Palavra difícil, mas é que o cabelo imenso
Era cultura, eu não sou “crente”
Descrente
As veiz até do caminho
Deslizo
Derrapo, empino, faço gato no mei de redemoinho
Moinhos que aqui não determinam o tempo
Mas que moeram grãos e rios
Mãos e trilhos
É que mais de vinte dias andando me fazem
Pensar nos caminho
Difícil isso
De contar a própria história e ainda levar prejuízo

Do fim ao início
Todo Pcd sabe Pdc
Que nos afastar dos espaços é naturalizado
Não só pro estado Pode crê?!

A minha memória
Num tá dentro de você

Identidade pobre: Tarde demais
Nois lá pode chamar de cultura a vivência dos nossos
ancestrais?
Cultura de não existir graças as privadas e estatais?
Qual o lugar dos sem nome
Daqueles que não palestram em universidade

Dos quais nunca se acertam os pronome?

Codinome e imaginação forte
 Pá desviar da bala e do corte da realidade
 Pardalidade fabricada pela universidade
 É mais aceita que a cabokaji malandraji vê se reagi
 523 e ce ainda sente o corte que arde
 Não pode fazer alarde, da nome pra suas vivência
 Chamar de parente é invenção

Do interior memo, não do que ceis pensa
 A gente sempre costurou nossas vivências
 Fez chinela de miçanga
 Muitos rouba e faz tendência
 E quer ver os meus na sombra

Servindo eles e o estado
 Sim senhor, continência tá batida
 Entre o dedo apontado
 Os exército de vida
 Sempre ali ditando os dado
 O compasso da batida, quem se aterra onde pisa
 Não fica cuidando dos outro a vida

E as vezes eu me toco que dei nome pros bagulho
 Entre a tinta do spray e o correr do pixo no muro
 Muitos nunca nem deu oi,
 Mas fala do nome alheio
 Eu te rogo uma praga,
 Teu coro vai rasgar no meio

A verdade é
disputada na invasão
Então identidade
muito aceita é meio
feio
sem freio
Memeo

Nasci pra
incomodar

É na higienização
Que eles te chama
de sujo e ainda
bota pá limpar
O chão O saguão a
satisfaçāo
Mas "Fértil como a
terra preta é a
mente do vilão"

7.

Filha de Oxóssi
Se escuto
É por que meu pai me chama
Filho largue a vaidade
Teu corpo veio da lama

Teus passos ainda sinto e vejo
pela mata branca

Até as universidades brancas
já falam de Pindorama

Interlúdio proibitorio
Aqui ainda escuto

Proibiram nossas línguas,
chamaram culturas de surtos
Um corpo território
Não vive só de interlúdio
Melodias inteiras
Renascem em submundos

Aquilombamentos de fuga
Pra sobrevivência coletiva
Roda de prosa na periferia
Pá reflorestar consciência nativa

De uma gameleira gigante sou muda

Semente
Grito
nativa

Tão sagrada quanta a terra
a história das mais velha

Soprando de maneira coletiva

sagrada filha da terra
Nela piso com respeito

É que entre o meio e o ambiente
Ceis esqueceram de dar um
Jet pelo gueto

Nem tudo nesse mundo é branco ou preto
Eu amo que as cores vem da luz
E a natureza é todo esse encanto que sinto e vejo

Energia que jogo no mundo é como pedra que ascende
fogo
Movimento pelo desejo
Manejo
Meu próprio caminho
É que daqui de onde veio
Passarim eu voo e volto pro ninho
Sete erva me curando enquanto a ferida estanca
E eu não tô sozinho

Eu sei que eles criaram senzalas
Se fugimos delas
Abram os caminhos
Ocupações, Favelas, Quilombos, Ribeirinhos
Muito além das suas políticas de café e moinhos
Bamburramos e fugimos
Lendo as carta de alforria

eu não aceito mais domínios
Quando entende a história diamante deixa de ser bonito
Preferimos afundar navios

Quantos dos meus até compraram sua liberdade
Mas foram acorrentado em cana?

Se mudamo a forma de pensar
É por que a história é uma dança

Não existe não lugar
Não romantiza as andança

Ainda sinto e vejo ela
como criança
Andando pela mata branca..
pela mata branca

Homem mulher
Cabeça mata branca

Homem mulher
E a energia das planta

Entre nomeações que me dão e meu retorno a
Pindorama

Devolução do que é nosso

Regulado
Vendem como remédio as ervas que os nossos

plantavam
Plantavam

Eu tô no corre louco
e eles proibindo as planta
Botando asfalto
onde meus pisaro pra apagar
os rastro

Eu sigo meus caminho memo que as vezes cansado
É que as florestas são rezas que memo de
Longe
mantém meu corpo fechado

Respiro encantado

Awery aos caboco que não abandona
Os que tão sendo de si desterrado

8.

Muitos caminhos tortos
Assim como galhos

Cê acha que eu tô mentindo
acreditou no papim

do bom selvagem ou pardo

Regra da existência alheia
Não vai derruba o estado

Mais de nois
menos cobranças

Olha a redução dos fatos
Dos dados

Assim como o ibge
Discute com os parente
dizendo quem que nois é

Fugindo das estatísticas
E das ideias superficiais e taxativas

Pá além das histórias aqui mentidas
Cê sabe bem que a diferença
manteve culturas vivas

Eu piso no chão e estremeço a terra
Por que respiro a energia
que as mais velha plantaram nela

Fala da minha família
Não devia gerar guerra

Na beira do rio poluído
Eu vejo que é isso
Que acaba com ela

Culturas diáspóricas
São andanças dessa terra

Quer fala que nois não existe?

Da um jet pela favela

Já falava minha ancestral

Travestis vivas na quebra

Quem bota fé em apagamento

Não quer nois suave nela

Milhões aqui passam fome
E se tu sabe seu nome
Se orgulhe disso e não de um sobrenome
Colonizatorio

Cidades
sob os nossos
velórios

Quem bota fé nisso
coloniza
Os nosso
A distância entre o
guizo e a ferida
É a minha narrativa

Eu toco, balanço e
reivindico
meu direito a vida

Encabulando os
apagadores

Sendo o veneno que
cura a própria
ferida

(POESIA ESCRITA EM 2023)

ISSN 2764-8133

p. 171

“Todos pardos nus
Com suas vergonha a mostra”

Fala de Jesus mas continua
botando numa cruz as nossas

Suas ideia moralista eu já sei de onde vem
Adora um turista,
vender a diferença quando convém

Acha que sofre mais violência
Pra colônia fala amém

Não existe hierarquia
Corpo mais importante

Se cê se acha no direito de apontar pá uma vida
Precisa descer do palanque

Nas carta pero Vaz já falava
Moralismo e purismo

Eles trouxeram em navios
e ainda hoje sangue nas águas

Se cê tá repetindo as ideia de escrivão de rei
Então concorda com as bala

E quantos de nós desnutridos
por terem que construir estradas?
Quantos dos meus também pularam de navios?
E aqui nada se fala

Escravização morte de rios
Nós também tava nas senzalas
Foi em 1500 mas ainda avisto

Os capitão do mato que ajuda a espalhar a praga

A lógica de validação do outro
Consumindo gente

É que ceis não usa a rede social
Deixam ela comer mentes

É óbvio que vai apontar pra artista
Guarda chuva na mão de sobrevivente
Pá quem tem medo é armamento

E assim se foi mais uma vida
Riu quem não sabe o que é tá preso no cimento

Fala mal de branco mas pa acessar os banco até zoa a
dor e a história de várias pessoa

Engraçado que quem mais odeia nosso corpo
Quer sempre sexualiza-lo

De novo purista rindo dentro da bolha

Mc que pede postura mas abusa das pessoa

Transfobia, mate ou morra!

Tem quem fecha com o estado

Muitos não quer autonomia
quer memo é entrar pra casa grande

Vive do próprio umbigo então ignora

Estupro e morte das que vieram antes
Quem tem vivência de brazil sabe que
aqui a globo fala antes

Adora uma fake news pá
manter os berrante
Afinal o agro é pop
E é tudo que se espalha fácil

Tá cheio de grupo nazista saindo do ralo
Twitter acha que sua vida menos do que merda no
vaso

Cê persegue a vida de quem não conhece por que
aqui já se tornou um gado
o discurso que eles produz
já comeu até o talo

Advinha quem queria ditar a narrativa alheia?

Hitler, seu otário!

E ele nem era um ariano só era um perseguidor das
diferenças nos seus iguais
encubado

As vezes seu ódio do outro é pá se odiar
Um atestado

Deve ser tipo um “tá desculpado”
por gostar mais da historia branca
do que a de um favelado

Sabe das invasão de terra
Digo, de territórios e favelas

E acha massa ver o outro apagado
Como estrelinha da tia da escola no caderno
Ser especial pá aqueles que usa terno e é obvio

Que quem vai ficar de fora
são os corpos trans que não passam
Mas fica ligeiro pa não perder o compasso
Do aquilombamento de várias “Maria Macho”
Meu salve aqui é te lembrar que a vida humana também
é da terra bioma

E é por várias
dessas merda que
vive ela
tá esse inferno na
colônia

(POESIA ESCRITA EM 2022)

ISSN 2764-8133

p. 175

Eu não tô aqui
Pelas suas verdadi

Ser o que sempre fui depende
de sagacidade

O fogo trocado nem sempre arde
Como um candomba aqui jaz

O fogo trocado nem sempre arde
Como um candomba aqui jaz

mata renasce

Todo dia correndo no eixao
Ceis fala tipo o pernalonga
Se é mestiço é só metade então

Não importa as morte

vaidade e invasão

E os “pardinho” só serve pá contar caixão

Silêncio é patuá em terra de invasão

Coloque suas guia, pra andar na Anhanguera

Goiânia diáspora nordestina que tem vergonha
dela

Vaidade e
Invasão por toda parte

O Centro Oeste Em busca de uma falsa
propaganda do Sudeste
desconhece a sua identidade

Pá lá meu povo foi
eu subi
Morro

Re- Ocupações de terra
Matas virando parque enquanto eu morro

E no desaforo
Elas quer me ver fora da pista
Chama de vadia mas vai, não desacredita

Eu já disse
Eu não sou feminista

Eu saúdo as matriarca que por
nois pula na frente da bala
E eu tô na pista

Fugiram das senzala
Um salve pás que
não foram laçada
Eu volto pela ancestral
soterrada

Céis vão pá universidade contar ou apagar as
bala?

Você “parece tanto Índia” eles me falam
No meio do cerrado caboca incendiária de onde
me internaram

Cá boca revoltada até umas hora

Originário que não deixa comédia
contar a própria história

Autonomia ocupações de terra
pelas quebra, pelas erva
Pelas roça

Arte vivência não
cabe sua ignorância
capacitista
Já sei o que é
violência histórica....

vejo no seu ego o
medo e como cê se
esconde,
Não respeita nem a
terra vai respeitar
o meu pronome?